

Semeando o Cuidado



Livreto de plantas do jogo



As plantas do jogo

Este jogo traz plantas de uso popular em diversas regiões do Brasil.

Nas próximas páginas, apresentamos mais informações sobre as plantas que vocês conheceram jogando. Esperamos que o jogo e essas informações inspirem vocês a buscar cada vez mais saberes!



Arnica brasileira

Solidago chilensis Meyen
(Asteraceae)



“espiga de flores pequenas cor de ouro”. Neste sentido, Barbosa Rodrigues¹ faz destaque para a classificação botânica indígena, destacando o refinamento e a sofisticação desses saberes. Ao comparar a denominação dada pelo botânico francês Joseph Pitton de Tournefort, *Virga aurea* (vara de ouro) e o nome indígena (mbuyboty yubá mi), questiona se não é quase o mesmo dado pelo nativo. Assim, diz que a característica da planta que impressionou o botânico europeu foi a mesma no nativo. Barbosa Rodrigues buscou chamar a atenção, na época, da comunidade científica para os saberes e as práticas indígenas³.

A arnica brasileira é também citada na obra de Pio Corrêa⁴, considerada medicinal por sua propriedade amar-

Histórico

A denominação do gênero *Solidago* foi dada por Carl von Linnaeus (1707–1778) em 1753, que significa “solidando vulnera”, isto é, o que cicatriza feridas¹. A espécie foi descrita por Franz Julius Ferdinand Meyen em 1834, após expedição científica à América do Sul, o epíteto “chilensis” refere-se a Chile, onde a planta foi coletada².


O nome indígena é “mbuyboty yubá mi” e significa

ga, empregada com vantagem nas moléstias do estômago, substitui a arnica européia (*Arnica montana* L.), produzindo efeitos iguais (antisséptica, analgésica e cicatrizante)⁴. Segundo Miguel⁵, o nome “arnica” tornou-se popular no Brasil após a chegada dos imigrantes europeus, principalmente os italianos, no final do século XIX, os quais deram esse nome para as plantas que encontraram aqui e que tinham aromas e usos semelhantes ao da *Arnica montana* L. Assim, “arnica” é utilizado para várias espécies pela similaridade do uso medicinal, como ocorre entre a *Solidago chilensis* e a *Arnica montana*. Embora as duas pertençam à mesma família botânica (Asteraceae) e tenham indicações similares, a última é nativa das regiões montanhosas da Europa e seu cultivo não é apropriado no Brasil⁶.

Nomes populares

A *Solidago chilensis* é uma das “arnicas” conhecidas aqui por arnica-brasileira, arnica-do-campo, arnica-silvestre, erva-lanceta, erva-de-lagarto, espiga-de-ouro, rabo-de-rojão, sapé-macho ou macela-miúda.

Usos populares e indicações

Toda a parte aérea da planta é usada em preparações medicinais como chás, tinturas, cataplasmas, pomadas, óleos e loções. É bastante popular e amplamente utilizada a aplicação externa em ferimentos, escoriações, traumatismos e contusões, contudo, sua utilização na forma de chá e tintura também tem propriedades analgésica, anti-inflamatória, cicatrizante e estomáquica. 

Assa-peixe

Vernonanthura polyanthes
(Sprengel) Vega & Dematteis
[Sinonímia: *Vernonia polyanthes*
(Spreng.) Less. (Asteraceae)]



por Johann Christian Daniel von Schreber (1739-1810) em 1791.

A espécie foi descrita, em 1831, por Christian Friedrich Lessing (1809-1862). “*Vernonanthura*” é formada pelas palavras gregas “anthos” e “oura” que significam flor e cauda, respectivamente, em alusão às caudas basais presentes nas anteras^{8 9}. Nomenclatura dada por Harold Ernest Robinson em 1992¹⁰. “*Polyanthes*” faz alusão às muitas flores produzidas pela planta¹¹, que são atraentes para abelhas melíferas e ao mel produzido a partir delas, ao qual são atribuídas propriedades medicinais¹².

Histórico

As plantas passam por revisões periódicas que podem acarretar mudanças no nome botânico.

Em 2010, em revisão realizada pelos botânicos Álvaro José Vega e Massimiliano Dematteis, a *Vernonia polyanthes* sofreu avaliação taxonômica que a reclassificou no gênero *Vernonanthura*⁷ cujo nome foi atribuído em homenagem ao botânico inglês William Vernon (1680-1711)


Nomes populares

O assa-peixe é uma planta muito conhecida e corriqueiramente usada no Brasil. Por ser nativa sua utilização é antiga e tradicional. Também conhecida como assa-peixe-branco, cambará-guaçu, cambará-açu, cambará-branco, mata-pasto, estanca-sangue, chamarrita e tramanhém.

Usos populares e indicações

Essa planta, que nasce espontaneamente nas pastagens e beira de estradas, é muito útil à apicultores que buscam em suas floradas a base para a produção de mel de qualidade e medicinal.

Todas as partes da planta podem ser utilizadas em preparações caseiras com propriedades diuréticas, balsâmicas e antirreumáticas. Na forma de chá ou tintura é excelente expectorante, combate as tosses noturnas e auxilia no tratamento da bronquite e estados gripais.

Diante da popularidade da planta, o uso medicinal foi reconhecido com a publicação da RDC 10/2010, sendo recomendada para bronquite, tosse persistente e dores musculares¹³ e do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira¹⁴ como expectorante. 

Cana-do-brejo

Costus spicatus (Jacq.) Sw.
[Sinonímia: *Alpinia spicata* Jacq.
(Costaceae)]



Histórico

O gênero foi estabelecido por Carl von Linnaeus (1707–1778) em 1753. A espécie foi descrita por Olof (Peter) Swartz (1760–1818) em 1788. A denominação “costus” deriva do “costum” e se refere a uma planta aromática usada como tempero e “spicatus” faz alusão à forma de espiga, ou que se assemelha à uma espiga, da inflorescência^{9 15}.

Planta introduzida e cultivada no Brasil desde a colonização. O uso medicinal foi relatado pelos naturalistas, e um dos registros refere-se à obra de Oliveira⁷³ que reuniu espécies descritas por von Martius*, na qual informa que o suco mucilaginoso e refrescante da planta é usado para combater febres, dores nefríticas e gonorreia. Outros relatos históricos foram realizados por Pinto¹⁷ e Peckolt e Peckolt¹⁸. Estes últimos autores informam que o rizoma é diurético, diaforético, tônico e emenagogo quando usado nas formas de chá por infusão ou de tintura.


Nomes populares

A cana-do-brejo, também chamada de cana-de-macaco, cana-mansa, cana-do-mato, cana-branca, paco-

caatinga, pobre-velha, canafista, canarana, caatinga, heparena, periná, ubacaiá, jacuaganga ou pacova.

Usos populares e indicações

Autores contemporâneos ressaltam a importância etnomedicinal da *Costus spicatus* e registram seus usos na Amazônia e Mata Atlântica. Di Stasi e Hiruma-Lima¹⁹ relatam que a infusão da folha é útil contra hipertensão e como diurético, enquanto a decoção é usada contra diarreias graves e a infusão dos colmos é usada internamente contra hepatite e dores de barriga.

É indicada como antisséptico das vias urinárias, diurético e contra vômitos na forma de chá ou tintura das folhas e caules. Já o suco das hastes frescas diluído em água, combate gonorréia, sífilis, nefrite, picada de insetos, problemas de bexiga e diabetes. 

* Carl Friedrich Phillip von Martius foi um dos primeiros naturalistas a viajar pelo Brasil, que juntamente com zoólogo Johann Baptist von Spix, viajaram a partir do Rio de Janeiro, em 1817, em direção a São Paulo, seguiram por Minas Gerais, Goiás até a Bahia e depois seguiram para o norte, rumo ao Amazonas, passado pela região de Santarém no Pará.



Carqueja

Baccharis crispa Spreng.
[Sinonímia: *Baccharis trimera*
(Less.) DC.] (Asteraceae)



Histórico

O gênero *Baccharis* foi descrito por Carl von Linnæus (1707-1778), em 1753. Há dúvidas quanto a etimologia da palavra *Baccharis*. Uma delas pode ser do latim “baccar”, “bacchar” ou “baccaris” ou do grego “bakkaris”, que significa planta de raiz aromática, pois espécies deste gênero possuem alto valor para a indústria de perfumes²⁰. Outra possibilidade é a referência a Baco, o deus romano do vinho e da fertilidade²¹.

O epíteto “crispa” diz respeito aos ramos trialados (alas onduladas) das partes aéreas da planta, denominada pelo botânico Kurt Polycarp Joachim Sprengel (1766-1833), em 1826²².


O uso medicinal da espécie foi descrito por naturalistas na época do Brasil colônia. Saint-Hilaire²³ a observou na beira das estradas, após a retirada da mata, e comparou seu amargor como similar à outras espécies europeias utilizadas no tratamento de febres. Este uso foi também relatado por Martius e Spix²⁴. Corrêa²⁵ a classificou como tônica, eupéptica e febrífuga. Foi empregada na fabricação da cerveja, como sucedânea do lúpulo.

Nomes populares

Ela também é conhecida como carqueja-do-mato, carqueja-amarga, cacáia-amarga, quina-de-condamine, tiririca-de-babado e bacanta.

Usos populares e indicações

O uso de substâncias amargas para “despertar o apetite” e como digestivo era muito comum. Por isso, foi reconhecida pela 1ª edição da Farmacopeia Brasileira²⁶. Este uso se manteve até hoje, a ponto do chá de carqueja ser reconhecido e recomendado como antidiarréico na 1ª e 2ª edições do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (FFFB)^{14 27} como auxiliar no alívio de sintomas dispépticos.

As partes aéreas da planta podem ser usadas na preparação de chá ou tintura que, além dos benéficos efeitos estomacais, também são empregados para problemas hepáticos, cálculos biliares, enfermidades do baço, como vermífugo e para reduzir o açúcar no sangue. 



Chambá, cumaruzinho

Justicia pectoralis Jacq.
(Acanthaceae)




Histórico

A *Justicia pectoralis* foi descrita pelo botânico Nicolaus Joseph von Jacquin (1727-1817), em 1760. O gênero estabelecido por Carl von Linnaeus (1707-1778) em 1753, o qual o nomeou em homenagem a James Justice (1698-1763), horticultor e botânico escocês²⁸. O epíteto “pectoralis” refere-se a “peito” em alusão ao amplo uso em distúrbios do aparelho respiratório⁹.

Nomes populares

No Brasil, a *J. pectoralis* é também conhecida como chambá, chachambá, anador, cumaruzinho, trevo-do-pará e trevo-cumaru.

Usos populares e indicações

Suas folhas e flores, usadas na forma de chá ou tintura, são utilizadas para o tratamento de doenças do trato respiratório como asma, bronquite, tosse, como expectorante e também contra reumatismo, cefaléia e febre. Outra particularidade é o uso em rapé por pajés da tribo brasileira Waikás, cuja folhas desta planta são misturadas à resina de *Virola theiodora* (Spruce ex Benth.) Warb^{31 32}. Como consequência do amplo uso, foi incluída na 1ª e 2ª edições do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira^{14 27} como expectorante. 

A planta é nativa das Américas Central e Sul. Embora o uso seja bastante difundido no Brasil, não encontramos registros da época dos naturalistas. Uma das referências mais antigas que se tem conhecimento foi realizada por Gonzalo Fernández de Oviedo (1478-1557), um dos primeiros cronistas das Américas. Em sua famosa obra *‘Historia general y natural de las Indias* (História Geral e Natural das Índias), ele descreve uma planta chamada Curía pelo povo Taino (atual República Dominicana) que certamente corresponde à *Justicia pectoralis*, pois a descreveu com muito detalhes²⁹. Na medicina popular daquela época era usada como afrodisíaco e cicatrizante³⁰.



Chapéu-de-couro

Echinodorus grandiflorus
(Cham. & Schltr.) Micheli e
Echinodorus macrophyllus
(Kunth) Micheli (Alismataceae)



Histórico

A primeira descrição de uma espécie, que atualmente pertence ao gênero *Echinodorus*, foi feita por Carl von Linnaeus (1707–1778) em 1753. O gênero foi definido pelo botânico suíço Marc Micheli (1844–1902) em 1881³³ que adotou o nome dado pelos botânicos Engelmann e Richard. Esses botânicos atribuíram o nome “*echino*” (porco espinho) e “*dorus*” (recipiente) em alusão aos frutos espinhosos³⁴. Os

epítetos “*grandiflorus*” e “*macrophyllus*” significam “com flores grandes” e “com folhas grandes”, respectivamente²⁶. São plantas aquáticas há bastante tempo usadas na medicina popular.

Nomes populares

Outros nomes populares no Brasil são chá-de-pobre, chá-de-campanha, erva-do-brejo, erva-do-pântano e congonha-do-brejo.


Usos populares e indicações

Theodoro Peckolt, farmacêutico alemão que veio ao Brasil, em 1846, para estudar a flora brasileira³⁵, relatou que o cozimento das folhas é usado, em razão das pro-

priedades adstringentes, em banhos contra as úlceras rebeldes e em gargarejos nas inflamações da garganta.

O rizoma é útil contra picada de animais peçonhentos, sob a forma de cozimento concentrado, que é usado na dose de um cálice, de hora em hora, e externamente é aplicado em compressas sobre as feridas produzidas pelo animal¹⁸.

Corrêa⁴ descreve a popularidade em Minas Gerais, onde são conhecidas como “chá mineiro”. Suas folhas são também utilizadas na fabricação do refrigerante Mineirinho®, uma bebida popular em Niterói-RJ³⁷. De acordo com Pio Correa, trata-se de plantas depurativas, tônicas e diuréticas, úteis contra artrite, reumatismo, sífilis, aterosclerose, moléstias da pele e do fígado. O rizoma, reduzido a massa, torna-se um cataplasma útil contra as hérnias⁴.

Em decorrência da grande popularidade, foi incluída na 1ª edição da Farmacopeia Brasileira²⁶, que continuou até os dias atuais. Por isso, a 1ª edição do Formulário de Fito-terápicos da Farmacopeia Brasileira²⁷ recomenda o uso do chá como diurético leve e anti-inflamatório. 

Copaíba

Copaifera sp. (Fabaceae)



Histórico

O gênero *Copaifera* foi estabelecido por Carl von Linnaeus (1707–1778) em 1792 e deriva do nome popular copaíba, do tupi “cupa-yba”, que significa “árvore do depósito ou de guarda”, em referência à quantidade de óleo-resina armazenada dentro do caule da árvore. As copaibas são árvores nativas da região tropical da América Latina e da África Ocidental. Na América Latina são encontradas es-

pécies na região que se estende do México ao norte da Argentina³⁸.

O óleo da copaíba já era utilizado pelos indígenas quando os portugueses chegaram no Brasil e seu uso surgiu da observação do comportamento de animais que se esfregavam em seus troncos quando feridos^{39 40}. Em fins de 1560, o padre jesuíta José de Anchieta, em carta ao padre geral, comenta o potente poder cicatrizante do óleo de copaíba, o qual foi introduzido no comércio europeu pelos portugueses a ponto de fazer parte da Farmacopeia Britânica de 1677⁴¹. Theodoro Peckolt, a convite do barão russo Georg von Langsdorff, foi um dos primeiros cientistas a investigar de modo sistemático


as propriedades medicinais da flora brasileira, a considerava uma das dez árvores, genuinamente brasileiras, mais úteis na medicina. De acordo com Corrêa⁴ e Le Co-inte⁴², a *Copaifera reticulata* Ducke é a mais importante da Amazônia sob o ponto de vista comercial em decorrência de ser a espécie que mais produz óleo-resina.

Nomes populares

Conhecida popularmente por pau-d'óleo, bálsamo, bálsamo-de-copaíba, copaíba-da-várzea, copaíba-vermelha, copaiqueira-de-minas, copaíba, cupiúva, oleiro, panchimouti, pau-de-aceite, cabimo, copaiarana, copal, maram, marmari, podoi ou bálsamo-dos-jesuítas.

Usos populares e indicações

O óleo da copaíba tem sido usado na medicina tradicional dos índios brasileiros desde antes da colonização e é indicado para proteção contra picada de insetos, nas doenças de pele, como cicatrizante e antisséptico em ferimentos, no tratamento da psoríase e no combate a dores reumáticas e articulares.

Internamente, diluído em água, como diurético, expectorante, para combater infecções urinárias e, misturado a mel e limão, combate infecções da garganta. Foi incluída na 1ª edição da Farmacopeia Brasileira²⁶ e no Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira⁴⁴, como anti-inflamatório, antisséptico e cicatrizante. 



Erva-cidreira

Lippia alba (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P. Wilson (Verbenaceae)



Histórico

O gênero *Lippia* é uma homenagem ao naturalista e botânico italiano Augustin Lippi (1678–1704) feita por Carl von Linnaeus (1707–1778) em 1753, a partir de exemplar coletado em Veracruz, México⁴³. O epíteto “alba” significa “branco”, “alvo” em alusão às flores pálidas, atribuída pelo botânico Nicholas Edward Brown (1849–1934) em 1925^{10 44}. O Brasil se destaca como centro de diversidade do gênero por

conter 87 espécies, com alta porcentagem de endemismo, ou seja, espécies que ocorrem apenas em território brasileiro^{45 46}. A planta é nativa e cultivada em todo o território nacional.


Nomes populares

É popularmente conhecida por falsa melissa, cidrila, cidreira-brava, cidreira-carmelitana e erva-cidreira-de-arbusto.

Usos populares e indicações

A erva-cidreira é utilizada há muito tempo na medicina popular. Pio Correa relatou que as folhas da planta são fortemente aromáticas e reputadas antiespasmódicas,

estomáquicas e emenagogas⁴. Usada na forma de chá ou tintura, no alívio de cólicas uterinas e intestinais, bem como em casos de insônia e estados de ansiedade, tratamento da gastrite e em crises de asma, de forma complementar.

Na década de 1980, a erva-cidreira fez parte do elenco de espécies do Programa de Pesquisas de Plantas Mediciniais (PPPM) da extinta Central de Medicamentos⁴⁷. Como consequência do amplo uso popular e da revisão dos marcos regulatórios promovidos pela Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos (PNPMF), a espécie foi incluída na 1ª e 2ª edições do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira^{14 27} como auxiliar no alívio da ansiedade leve, antiespasmódico e antidiarréico. 

Erva-doce

Foeniculum vulgare Mill.



Histórico

A planta foi descrita pelo botânico inglês Philip Miller (1691-1771) em 1768. A denominação do gênero como “foeniculum” deriva do diminutivo em latim “fenum, faenum”, que se refere ao nome popular em latim do funcho (feniculum, faeniculum). O epíteto “vulgare”, em tradução livre, significa “comum, vulgar”^{11 10}. Miller foi um dos botânicos mais conhecidos da Inglaterra e responsável por demon-

strar a importância dos insetos como polinizadores⁴⁹.

A planta foi introduzida pelos colonizadores portugueses. Tomchinsky e Ming⁵⁰ encontraram registros referentes ao uso da erva-doce no Brasil em obras de autores dos séculos 16 e 17. Foi citada por Gabriel Soares Sousa, Ambrósio Fernandes Brandão e Fernão Cardim. Após análise destas obras, os autores concluíram que a planta foi introduzida no início do período colonial, em 1565. Observa-se também que foi uma das plantas utilizadas na preparação da Triaga Brasileira. O termo triaga (ou triága, teriága, teriága, triaca e tríaca) diz respeito a receitas à base de plantas, animais e outras substâncias, como minerais, sais, óleos etc., utilizadas


pela humanidade há milênios. Aqui no Brasil, os Jesuítas foram os responsáveis por elaborar várias triagas, dentre elas, a mais famosa e que, misturava plantas nativas e exóticas, foi a Triaga Brasília⁵¹.

Nomes populares

A erva-doce ou funcho também é conhecida como erva-doce-brasileira, erva-doce-de-cabeça, falsa-erva-doce, falso-anis, fioho, fioho-de-florena, fioho-doce, funcho-bastardo, funcho-doce, funcho-comum, funcho-vulgar, funcho-italiano ou pinocchio.

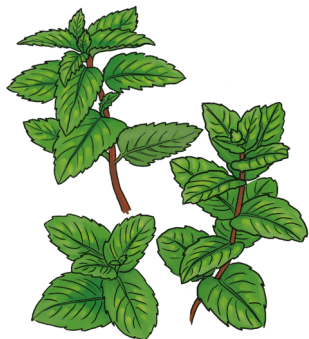
Usos populares e indicações

Além de ser empregada na culinária como aromática e hortaliça, a erva-doce também é utilizada na medicina caseira. O chá das folhas ou sementes estimula as funções digestivas, elimina gases, combate cólicas abdominais e menstruais, diarreias crônicas, anorexia, dismenorreia e estimula a lactação.

Diante do histórico de uso medicinal, foi incluída na 1ª edição da Farmacopeia Brasileira²⁶ e, posteriormente, foi uma das plantas selecionadas para estudo pelo Programa de Pesquisa em Plantas Medicinais da Central de Medicamentos⁴⁷. O uso do chá e tintura foi recomendado pelo SUS através da 1ª edição do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira e em seu suplemento^{14 27} como antiflatulento, antidispéptico e antiespasmódico. 

Hortelã

Mentha spicata L. (Lamiaceae)



Deméter, pisoteou e matou *Minthe* que deu origem à planta que leva seu nome. Outra versão é que *Minthe* era a ninfa amada por Plutão que a transformou nesta planta aromática para protegê-la dos ciúmes de sua mulher⁵².

As plantas deste gênero foram introduzidas no Brasil e são conhecidas, em geral, como “mentas” ou “hortelãs”. Os primeiros registros que se tem conhecimento foram realizados por Vicente do Salvador em 1564, jesuíta nascido em Salvador e considerado o primeiro cronista e historiador brasileiro e Gabriel Soares Sousa em 1565, autor de “Tratado descritivo do Brasil” e “Notícia do Brasil”, consideradas as obras mais completas do período

Histórico


O gênero *Mentha* foi descrito por Carl von Linnaeus (1707-1778) em 1753. O epíteto “*spicata*” está relacionado ao formato em espiga da inflorescência⁵¹. Há diferentes versões para o nome do gênero. Uma delas atribui que *Minthe* era uma ninfa do rio Cócito e esposa de Aidoneus. Quando Aidoneus a traiu com Perséfone, *Minthe* ficou enciumada e afirmou ser mais bela que Perséfone. A mãe de Perséfone,

colonial⁵⁰. Nesse aspecto, os jesuítas colaboraram com a introdução de plantas medicinais exóticas no Brasil ao trazerem espécies europeias e de outros continentes, bem como difundirem seus usos⁵³. Atualmente, são plantas importantes economicamente para a indústria de cosméticos e alimentos⁵⁴. Entretanto, ao serem dispersadas da Europa, Ásia e América do Norte para outros países, as mentas sofreram hibridações naturais, gerando outras variedades e espécies, o que produz dificuldades na identificação taxonômica até para especialistas⁵⁵.

Nomes populares

A hortelã, cultivada no Brasil inteiro, é conhecida como hortelã-rasteira, hortelã-de-panela, hortelã-da-horta, hortelã-cheirosa, hortelã-de-folha-miúda e hortelã-de-tempero.

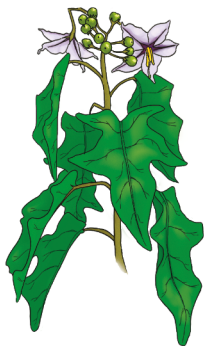
Usos populares e indicações

É muito utilizada como condimento na culinária, mas também, para fins medicinais. Em pó, chás ou tinturas, ou mesmo as folhas frescas usadas em preparações culinárias, é digestiva, evita gases e vômitos, trata a fadiga, doenças hepáticas, asma e bronquite crônica, melhora cólicas e enxaquecas, além de ser excelente vermífugo. 



Jurubeba

Solanum paniculatum L.
(Solanaceae)



Histórico

A planta foi descrita por Carl von Linnæus (1707–1778) em 1762. Ele a denominou de “*Solanum*” em alusão ao aspecto das folhas com pêlos que lembram “uma lã, um acolchoado”, e “*paniculatum*”, que deriva do adjetivo latino “*paniculado*”, em razão das inflorescências, em panículas¹.

O nome popular deriva de denominações indígenas em tupi guarani (*lurepeba*,

luripeba, *Jurubeba*) que faz alusão aos “espinhos chatos” presentes em toda a planta, inclusive nas folhas. As observações acerca do uso da jurubeba foram descritas na obra de Piso e Marcgrave, considerado o primeiro livro médico que trata do Brasil, publicado em 1648. As informações constantes na obra de Piso e Marcgrave foram sistematizadas por Bento José Pickel, o qual descreve que as folhas da variedade sem espinhos foliares servem para lavar as úlceras.

A raiz é amarga e tem princípios aromático, diurético e colágeno, desobstruente da próstata e também antisifilítico, antihidrópico. A planta é usada na impigem e como desobstruente e antídoto⁵⁶. Outros naturalistas a descreveram, como Martius e Spix²⁴. Corrêa⁴ cita que fo-


lhas, frutos e raízes são úteis no tratamento da icterícia, da hepatite crônica, sífilis e febres intermitentes. Indicações semelhantes foram relatadas por Le Cointe⁴² que indica a infusão da raiz contra a hepatite e o suco dos frutos como remédio no tratamento da icterícia, de inflamações do baço, catarro da bexiga e clorose (frutos colocados no vinho). Externamente empregam-se as folhas contra as úlceras.

Nomes populares

Também conhecida como jubeba, jupeba, juribeba, juripeba, juuna, juvena, juveva, gerobeba ou joá-manso.

Usos populares e indicações

Seus frutos também se prestam como condimentos, consumidos na forma de picles e como aditivo de aguardente. Contudo, o principal e mais tradicional uso desta planta é contra anemia, problemas hepáticos e digestivos. Toda a planta, raízes, folhas e frutos pode ser utilizada no preparo de chás, cocções e tinturas para uso medicinal da jurubeba.

Foi incluída na 1ª edição da Farmacopeia Brasileira²⁶, cuja raízes são indicadas no tratamento da anemia e dos distúrbios hepáticos e digestivos. 



Pitanga

Eugenia uniflora L. (Myrtaceae)



Histórico

O nome do gênero *Eugenia* foi dado em homenagem ao Príncipe Eugénio Francisco de Saboia (Prince Eugene of Savoy - 1663-1736) e descrita por Carl von Linnæus (1707–1778) em 1753. O epíteto *uniflora* faz alusão à inflorescência que se apresenta como uma flor única^{57 58}.

Mencionada por Guilherme Piso (1611-1678) como útil no preparo de sobremesas e medicinal para dissipar

flatos e eliminar náuseas⁵⁹. Paul Le Cointe (1870-1956) relata que as folhas são adstringentes, aromáticas, balsâmicas e antirreumáticas: a infusão dá bons resultados contra as febres terçãs da infância (malária) e diarreias infantis⁴². Vários naturalistas citam a pitanga, em particular a presença dela em áreas de restingas. De acordo com Auguste P. Saint-Hilaire (1779-1853): “a pitangueira é uma planta que caracteriza os terrenos arenosos e vizinhos do mar²³”.


A palavra “pitanga” é proveniente do tupi-guarani e significa vermelho (ybá, “fruto” + pytang, “avermelhado”), cor característica do fruto. É uma planta nativa da Mata Atlântica que se disseminou por todo o Brasil em decorrência da sua adaptabilidade às mais distintas condi-

ções de clima e solo. Hoje é cultivada em vários países das Américas do Sul e Central, Caribe, EUA e África, etc⁶⁰.

Nomes populares

A pitangueira também é conhecida como pitanga-branca, pitanga-rosa, pitanga-vermelha, pitanga-roxa, pitangatuba, ibipitanga, ubipitanga, ginja ou jinja.

Usos populares e indicações

Suas folhas e frutos são empregados na medicina caseira, na forma de chá ou tintura, contra febre, tosse, ansiedade, hipertensão arterial, diarreia e também no tratamento de bronquite e reumatismo. Foi incluída na 6ª Edição da Farmacopeia Brasileira⁶¹, além de compor a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS – RENISUS⁶². 



Quebra-pedra

Phyllanthus niruri L.
(Phyllanthaceae)



Histórico

A planta foi descrita por Carl von Linnæus (1707–1778) em 1753. A denominação “*phyllanthus*” significa “flor na folha”, uma característica morfológica marcante deste grupo de plantas. Possivelmente, *niruri* refere-se ao nome vernacular em inglês para a planta ^{63 10}. Vale ressaltar que o nome popular quebra-pedra também se refere a outras espécies vegetais que crescem, especialmente durante o pe-

ríodo da estação chuvosa, em qualquer tipo de solo em todo o país, sendo comum sua ocorrência nas fendas das calçadas, terrenos baldios, quintais e jardins.


Um dos primeiros registros a respeito do uso da planta foi feito pelo botânico alemão Carl Friedrich Phillip von Martius (1794–1868) no século 21, na região amazônica⁶⁴. O uso tradicional pelos ameríndios brasileiros também é relatado pelas etnias Kaingang, Guaranis, Xokleng, Mbyá-guaranis, conhecida pelos nomes vânh kakáe pó-ryg⁶⁵. A quebra-pedra é utilizada também no catimbó e nos banhos purificatórios dos filhos dos orixás Ossaim e Oxumaré^{66 67}.

Nomes populares

A quebra-pedra é conhecida também como erva-pombinha, fura-parede, arrebenta-pedra, quebra-panela, saudade-da-mulher, saúde-da-mulher, conami e saxífraga.

Usos populares e indicações

Muito popular no Brasil para tratar pedra nos rins e fazer urinar mais. Além de tratar as afecções renais, também é usada nos casos de icterícia, febre palustre e auxílica a excreção de ácido úrico.

Toda a planta pode ser utilizada para a preparação de chá, tintura ou pó. Este último, usado em especial no tratamento da Hepatite B. Em 2011, o Ministério da Saúde reconheceu o uso da planta e a incluiu na 1ª edição do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira¹⁴. Em 2018, recomendou o uso da tintura no suplemento deste formulário⁴⁸. 



Saião


Kalanchoe crenata (Andrews) Haw.
(Sinonímia: *Kalanchoe brasiliensis*
Larrañaga) (Crassulaceae)



Histórico

O gênero *Kalanchoe* foi estabelecido pelo botânico francês Michel Adanson (1727-1806) em 1763. A *Kalanchoe crenata* foi descrita por Adrian Hardy Haworth (1767-1833) em 1812². A denominação atribuída por Adanson ao gênero refere-se à planta chinesa "Kalan Chauhuy" e "crenata" faz alusão ao formato da folha que apresenta "pequenos dentes arredondados, crenada"⁶⁸.

culos, frieiras, queimaduras, picada de insetos, úlceras crônicas, tosse e dor de cabeça.

Nas religiões de matriz africana, a planta é conhecida com a denominação jejê-nagô, de àbámodá, que significa em yorubá "o que você deseja, você faz", e é usada nos *amacis* (sucos de ervas obtidos manualmente) e banhos para acalmar, refrescar e dar firmeza⁶⁹. Apesar do amplo uso popular, não foi incluída em nenhuma normativa do SUS relacionada ao uso de plantas medicinais e da fitoterapia. 

Nomes populares

Também conhecida como erva-da-costa ou folha-da-costa por ser bastante comum na zona litorânea, em particular entre Bahia e São Paulo⁴. No restante do Brasil pode ser chamada de folha-da-fortuna, roda-da-fortuna, fortuna, folha grossa, folha-de-pirarucu, pirarucu, courama, coirama ou diabinho.

Usos populares e indicações

Tem propriedades anti-inflamatória, expectorante e cicatrizante, motivo pelo qual as folhas frescas são empregadas, na forma de sumo, xarope ou tintura, para combater cortes, feridas, edemas, hematomas, furún-

Tanchagem

Plantago major L.
(Plantaginaceae)



Histórico

A planta foi descrita por Carl von Linnæus (1707–1778) em 1753, cuja denominação foi dada em referência à palavra latina “planta” que significa a sola dos pés, em alusão aos indianos que a chamavam de “pegada do homem branco” em decorrência da planta ser encontrada “em todos os lugares em que os europeus estiveram”⁷⁰.


O epíteto “major” refere-se às folhas grandes da espécie em relação às outras¹¹. As espécies do gênero *Plantago* são cosmopolitas e a *Plantago major* tem distribuição ampla no Brasil, sendo encontrada em todos os biomas (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa). A planta é considerada uma invasora de culturas e muito utilizada na medicina popular, especialmente como anti-inflamatório, cicatrizante, febrífugo e expectorante. A *Plantago major* foi introduzida no Brasil pelos colonizadores europeus e é usada desde a Idade Média na Europa⁷¹.

Nomes populares

A tanchagem também é denominada de tansagem, transagem, tranchagem, tanchagem-maior, plantagem e sete-nervos.

Usos populares e indicações

Tem sua utilização mais conhecida e popular na medicina caseira, e costuma ser empregada, na forma de chá, tintura ou cataplasma, para a cicatrização de feridas, gastrite e úlceras gástricas, inflamações na boca, faringe e ouvido, infecções urinárias e bronquite crônica.

Diante do amplo uso pelos brasileiros, foi incluída para estudos no Programa de Pesquisa em Plantas Medicinais da extinta Central de Medicamentos⁷². Em 2010, foi acrescentada à lista de drogas vegetais notificadas da RDC 10/2010, sendo indicada para inflamações da boca e faringe. Em seguida, foi incluída na 1ª edição do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (FFFB)¹⁴ e em seu suplemento⁴⁸, recomendada como anti-inflamatório e antisséptico da cavidade oral. 

Unha-de-gato

Uncaria guianensis (Aubl.)
J.F. Gmel. e *Uncaria tomentosa*
(Willd.) DC. (Rubiaceae)



Histórico

A *Uncaria guianensis* foi descrita pelo botânico Johann F. Gmelin (1748-1804) e a *Uncaria tomentosa* por Augustin P. Candolle (1778-1841), em 1791 e 1830, respectivamente¹⁰. A denominação do gênero deriva do latim “*uncus*” atribuída por Johann C. D. von Schreber (1739-1810) e significa “garra” ou “gancho” em alusão ao par de espinhos curvos localizados na base das folhas.

Os epítetos “*tomentosa*” e “*guianensis*” dizem respeito aos ramos ricos em pelos e à ocorrência da planta (Guiana), respectivamente. Ambas são características da Amazônia. Segundo Richard Spruce (1817-1893), a *U. guianensis* é bastante abundante no Golfo de Guayaquil – Equador, onde havia a lenda que pessoas eram colhidas por seus ganchos e mantidas pendentes no ar, enquanto a jangada prosseguia rio abaixo sem tripulantes⁷³.

São plantas de uso milenar. A *U. tomentosa* é usada no Peru há mais de 2.000 anos. O povo peruano Ashaninka atribui à planta a capacidade de promover a harmonia ao doente, pois “estaria habitada por um bom espírito”. Os indígenas Caapores (ou Ka’apor) do Maranhão também a utilizam⁷⁴. Especula-se que a popularidade da


planta seja resultado da divulgação de tratamentos feitos por europeus. Um deles foi o alemão Arthur Brell, foi trabalhar como professor em Chanchamayo no Peru, em 1930. Ao observar o uso medicinal da planta pelos nativos, passou a tratar pessoas com câncer e outras doenças⁷⁵. Em 1950, o senhor Luis Oscar Schuler obteve sucesso no tratamento de câncer com a *U. tomentosa*. Este fato despertou o interesse do jornalista e etnólogo Klaus Keplinger que estimulou estudos fitoquímicos, farmacológicos e clínicos por grupos de pesquisadores da Áustria, Alemanha, Itália e Peru. Tais estudos foram a base para desenvolver o fitoterápico Krallendorn®.

Nomes populares

A unha-de-gato também é popularmente chamada de unha-de-cigana, garra-de-gavião e carrapato amarelo.

Usos populares e indicações

É indicada para as doenças que afetam o sistema imunológico, como AIDS e câncer, e também empregada em casos de artrite, reumatismo, úlceras gástricas, afecções do trato urinário, purificador dos rins e cura de ferimentos profundos, por sua propriedade anti-inflamatória.

Quanto ao uso oficial no Brasil, a *U. tomentosa* foi incluída na Lista de Produtos Tradicionais Fitoterápicos de Registro Simplificado da RDC 26/2014⁷⁸, no Memento de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira⁷⁹ e no primeiro suplemento do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira⁴⁸. 

Referências Bibliográficas

1. RODRIGUES, João Barbosa. A Botânica, nomenclatura indígena e seringueiras. **Memória apresentada ao 3º. Congresso Científico Latinoamericano**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial; p. 39-40.1905.
2. KISSMAN, Kurt Gottfried; GROTH, Doris. **Plantas Infestantes e Nocivas**. São Paulo: Basf; 1999
3. SILVA, Ana Paula da. Saberes tradicionais tupi: estar junto, aprender, nhembojera. **Cadernos CEDES**, v. 39, n. 109, 2019: p. 379-396.
4. CORREIA, Manoel Pio. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Vol 2**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, IBDF; 1984.
5. MIGUEL, Sylvia. A arnica desvendada. **Jornal da USP**. 22: 2007; p. 22-26.
6. LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas**. 2a ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum; 2008.
7. VEGA, Álvaro Jose; DEMATTEIS, Massimiliano. The transfer of Vernonia perangusta to the genus Vernonanthur (Vernonieae, Asteraceae) and the correct name for Vernonanthur phosphorica. **Phytotaxa**, v. 8, n. 1, p. 46-50, 2010.
8. ROBINSON, Harold Ernest. Generic and Subtribal Classification of American Vernonieae. **Smithsonian Contributions to Botany**, 1999.
9. QUATTROCHI, Umberto. **CRC world dictionary of medicinal and poisonous plants: common names, scientific names, eponyms, synonyms, and etymology** (5 Volume Set). CRC press, 2012.
10. TROPICOS. Missouri Botanical Garden. Disponível em <http://www.tropicos.org>. Acesso em 22 Mar. 2021.
11. GLEDHILL, David. **The names of plants**. 4th ed. Cambridge University Press; 2008.
12. SOUZA, Paulo Victor Ramos de et al. Vernonia polyanthes (Spreng.) Less.: uma visão geral da sua utilização como planta medicinal, composição química e atividades farmacológicas. **Revista Fitos**. V.11 n.1, p.105-115, 2017.
13. BRASIL. **Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 10, de 9 de março de 2010** - Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2010.
14. BRASIL. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**, 1ª edição, 2011. Disponível em <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico/arquivos/8080json-file-1>. Acesso em 12 mar. 2021.
15. UNIVERSIDADE DE COIMBRA. **Herbário da Universidade de Coimbra**. 2021. Disponível em Universidade de Coimbra - Herbário da Universidade de Coimbra - Glossário Botânico (uc.pt). Acesso em 22 mar 2021.
16. OLIVEIRA, Henrique. Velloso. **Systema de Materia Medica Vegetal Brasileira Contendo o Catalogo e Classificação de todas as plantas brasileira conhecidas**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1854.
17. PINTO, Joaquim de Almeida. **Dicionario de Botanica Brasileira ou Compendio dos Vegetaes do Brasil, tanto Indigenas quanto Acclimados**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1873.
18. PECKOLT, Theodor.; PECKOLT, Gustav. **Historia das Plantas Medicinais e Uteis do Brazil**. Rio de Janeiro: Typographia Laemmert 1888.
19. DI STASI, Luiz Claudio; HIRUMA-LIMA, Clélia Akiko. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. Editora Unesp, 2002.
20. VERDI, Luiz Gonzaga, BRIGHENTE Inês Maria Costa, PIZZOLATTI Moacir Geraldo. **Gênero Baccharis (Asteraceae): aspectos químicos, econômicos e biológicos**. Quim Nova. 2005; 28(1). p.85-94.
21. PLANT CURIOSITIES — A SNAPSHOT. **Torreypine**. 2021. Disponível em <http://www.torreypine.org/wp-content/uploads/pr/library/TPDS-plant-names-snapshot.pdf> Acesso em 14 mar 21.
22. BARROSO, Graziela Maciel. Compositae - subtribo Baccharidinae Hoffmann (estudo das espécies ocorrentes no Brasil). **Rodriguesia**. Rio de Janeiro, 1976.
23. SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP; 1975. p.42.

24. SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820). Vol 1.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981. p. 83.
25. CORREA, Manoel Pio. **Flora do Brazil. Algumas plantas uteis, suas aplicações e distribuição geographica.** Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1909. p. 84.
26. BRASIL. **Pharmacopeia Brasileira.** Decreto nº 17.509 de 4 de novembro de 1926. Departamento Nacional de Saúde Publica. Rio de Janeiro: Brasil 1926.
27. BRASIL. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira, 2ª edição.** 2021. Disponível em <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico/arquivos/2021-fffb2-final-c-capaz2.pdf>. Acesso em 22 mar. 2021.
28. MINAY, Priscilla IM. James Justice (1698-1763): Eighteenth-Century Scots Horticulturist and Botanist: II. **Garden History**, 1974. p. 51-74.
29. ROERSCH, Charles. *Justicia pectoralis* Jacq. In: **Medicinal and Aromatic Plants of South America.** Springer, Dordrecht, 2018. p. 251-264.
30. ROERSCH, Charles. Medicinal plants in the Dominican Republic and their possible role in public health care. In: **XXIX International Horticultural Congress on Horticulture: Sustaining Lives, Livelihoods and Landscapes (IHC2014): V World 1125.** 2014. p. 249-254.
31. SMET, PETER AGM. A multidisciplinary overview of intoxicating snuff rituals in the western hemisphere. **Journal of Ethnopharmacology**, mar 1985; 13(1):3-49. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3887041/> Acesso em 12 mar. 2021.
32. SCHULTES, Richard Evans. De plantis toxicariis e mundo novo tropicale commentationes XXXVI. *Justicia* (Acanthaceae) as a source of an hallucinogenic snuff. **Economic Botany**, 1990; 44(1). p. 61-70
33. LEHTONEN, Samuli. **Natural History of Echinodorus (Alismataceae).** Turun Yliopisto, 2007.
34. MUÑOZ-SCHICK, Mélica; MOREIRA-MUÑOZ, Andrés; MOREIRA ESPINOZA, SERGIO. Origen del nombre de los géneros de plantas vasculares nativas de Chile y su representatividad en Chile y el mundo. **Gayana. Botánica**, v. 69, n. 2, 2012. p. 309-359.
35. POTT, Vali Joana; POTT, Arnildo. **Plantas Aquáticas do Pantanal.** EM-BRAPA/Comunicação para Transferência de Tecnologia. Brasília, 2000.
36. SANTOS, Nadja Paraense dos; PINTO, Angelo; ALENCASTRO, Ricardo Bicca de. Theodoro Peckolt: Naturalista e farmacêutico do Brasil imperial. **Química Nova**, v. 21, n. 5, 1998. p. 666-670.
37. FERREIRA, Maria Izabela; GONÇALVES, Gabriela Granghelli; MING, Lin Chau. *Echinodorus macrophyllus* (Kunth) Micheli. In: **Medicinal and Aromatic Plants of South America.** Springer, Dordrecht, 2018. p. 211-217.
38. JUNIOR, Valdir Veiga; PINTO, Angelo. O gênero *Copaifera* L. **Quim. Nova**, v. 25, n. 2, 2002, p. 273-286.
39. PIERI, Fábio Alessandro; MUSSI, Maria Carolina; MOREIRA, Maria Aparecida. Óleo de Copaíba (*Copaifera* sp.): Histórico, Extração, Aplicações Industriais e Propriedades Medicinais. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, 2009;11: p. 465-472.
40. JUNIOR, Valdir Veiga; PINTO, Angelo. **O Olhar dos Primeiros Cronistas da História do Brasil sobre a Copaíba.** UFRJ, 2014. Disponível em https://i-flora.iq.ufrj.br/hist_interessantes/copaiba.pdf Acesso em 14 mar 2021.
41. FLÜCKIGER, Friedrich August; HANBURY, Daniel. **Pharmacographia: A history of the principal drugs of vegetable origin, met with in Great Britain and British India.** Macmillan, 1874.
42. LE COINTE, Paul. **Amazônia Brasileira III. Árvores e plantas úteis, indígenas e aclimatadas.** 2ª Edição. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Bahia, Pará, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional; 1947.
43. MUNIR, Ahmad Abid. A taxonomic revision of the genus *Lippia* [Houst. ex] Linn. (Verbenaceae) in Australia. **Journal of the Adelaide Botanic Garden**, 1993. p. 129-145.
44. UNIRIO. *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson. **Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta.** Disponível em <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/lippia-alba-mill-n-e-br-ex-britton-p-wilson>. Acesso em 12 mar. 2021
45. SALIMENA, Fátima Regina Gonçalves; MÚLGURA, Maria Ema. Notas taxonômicas em Verbenaceae do Brasil. **Rodriguésia**, v. 66, n. 1, 2015.

p. 191-197.

46. SALIMENA, Fátima Regina Gonçalves; CARDOSO, Pedro Henrique. Lipia in **Flora do Brasil 2020** (em construção). Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB15170>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

47. BRASIL. **A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisas de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos**. Ministério da Saúde: Brasília, 2006. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/fitoterapia_no_sus.pdf. Acesso em 22 mar. 2021.

48. BRASIL. **Primeiro Suplemento do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**, 1ª edição, 2011. Disponível em http://www.abrafidef.org.br/arqSite/2018_Suplemento_FFFB.pdf. Acesso em 12 mar. 2021.

49. NEVES, Luiz Augusto Salles das et al. **Os longínquos antecessores de Mendel III**. Genética na Escola | Vol. 8 | Nº 2 | 2013 Disponível em https://www.academia.edu/5474434/OS_LONG%C3%8DNUOS_ANTECESSORES_DE_MENDEL_III Acesso em 14 mar 21.

50. TOMCHINSKY, Bernardo; MING, Lin Chau. As plantas comestíveis no Brasil dos séculos XVI e XVII segundo relatos de época. **Rodriguésia**, v. 70, 2019.

51. SANTOS, Fernando Santiago. Indígenas, jesuítas e a farmacopeia verde das terras brasileiras: os segredos da Triaga Brasileira. **Prometeica**, n. 8, p. 1, 2013.

52. SILVA, Henrique. A Descriptive Overview of the Medical Uses Given to Mentha Aromatic Herbs throughout History. **Biology**, v. 9, n. 12, 2020.

53. MADALENO, Isabel Maria. Contributo dos jesuítas para o estudo da flora brasileira, no Séc. XVI—Anchieta e Cardim. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, 2017. p. 31-46.

54. SALEHI, Bahare et al. Plants of genus Mentha: From farm to food factory. **Plants**, v. 7, n. 3, 2018. p. 70.

55. BRILHO, Roberto Corte. **Hortelã pimenta**. Instituto Agrônomo de Campinas, Campinas, 1963.

56. PICKEL, Bento José. **Flora do Nordeste do Brasil segundo Piso e Marc-**

grave: no século XVII. EDUFRPE, 2008.

57. MACCAUGHEY, Vaughan. The Genus Eugenia in the Hawaiian Islands. **Torreya**, 16., 1916. p. 260-267

58. JARVIS, Charles. Pier Antonio Micheli (1679-1737) and Carl Linnaeus (1707-1778). **Webbia**, 71, 2016

59. PISO, Guilherme. **História Natural do Brasil Ilustrada**. Tradução Prof. Alexandre Correia. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional; 1948.

60. BEZERRA, João Emmanoel Fernandes; DE LIRA JUNIOR, José Severino; DA SILVA JUNIOR, João Francisco. Eugenia uniflora: pitanga. **Embrapa Tabuleiros Costeiros—Capítulo em livro científico (ALICE)**, 2018.

61. BRASIL. **Farmacopeia Brasileira**. 6ª edição Brasília: Anvisa, 2019. Disponível em <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/farmacopeia-brasileira>. Acesso em 22 mar 2021.

62. BRASIL. **Plantas Medicinais de Interesse ao SUS - RENISUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/06/renisus.pdf>. Acesso em 22 mar 2021.

63. SILVA, Marcos José; SALES, Margareth Ferreira; O gênero Phyllanthus L. (Phyllanthaceae-Euphorbiaceae Juss.) no bioma Caatinga do estado de Pernambuco-Brasil. **Rodriguésia**, 2004; 55: p. 101-126.

64. BREITBACH, Ulirike; NIEHUES, Michael; LOPES, Norberto; FARIA, Jair; BRANDÃO, Maria. Amazonian Brazilian medicinal plants described by C.FP von Martius in the 19th century. **Journal of Ethnopharmacology**, 2013;147: p.180-189.

65. MARQUESINI, Nacir Rodrigues. **Plantas usadas como medicinais pelos índios do Paraná e Santa Catarina, Sul do Brasil: guarani, Kai-gang, Xokleng, Ava-guarani, Krao e Cayua**. Tese (Doutorado). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 1995.

66. CAMARGO, Maria Thereza. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros: Estudo Etnofarmacobotânico**. São Paulo: Ícone; 1998.

67. BARROS, José Flávio Pessoa; NAPOLEÃO, Eduardo. **Ewê Ôrisá: Uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé Jêje-Nagô**. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand; 2003.

68. HERRANDO-MORAIA, Sonia; VITALES, Daniel; NUALART Neus, et al. Global distribution patterns and niche modelling of the invasive *Kalanchoe × houghtonii* (Crassulaceae). **Scientific Reports**. 2020;10: p. 1-18.
69. ALMEIDA, Maria Zélia. **Plantas Medicinais**. 3a edição. Salvador EDUFBA; 2011
70. SAMUELSEN, Anne Berit. **The traditional uses, chemical constituents and biological activities of *Plantago major* L. A review**. Journal of Ethnopharmacology. 2000; 7: p.11-21.
71. HEFLER, Sonia Marisa; RODRIGUES, William Antônio; CERVI, Armando Carlos. O gênero *Plantago* L. (Plantaginaceae) na região Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 9, n. 3, 2011.
72. BRASIL. **A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/fitoterapia_no_sus.pdf. Acesso em 22 mar. 2021.
73. SPRUCE, Richard. **Notas de um botânico na Amazônia (1849-1855)**. Belo Horizonte: Itatiaia; 2006. p.56.
74. KEPLINGER, Klaus; LAUS, Gerhard; WURM, Martin; DIERICH, Manfred; TEPPNER, Herwig. *Uncaria tomentosa* (Willd.) DC — ethnomedicinal use and new pharmacological, toxicological and botanical results. **Journal of Ethnopharmacology**. 1998; 64: p.23-34.
75. JONG, Will de; MELNYK, Mary; LOZANO, Luis Alfaro; ROSALES, Marina, GARCÍA Myriam. Uña de gato: fate and future of a peruvian forest resource. **Cifor**, 1999.
76. JONES, Kenneth. **Cats Claw: Healing Vine of Peru**. Sylvan Press, 1995.
77. ALEXIADES, Miguel. Cat's claw (*U. guianensis* and *U. tomentosa*). In: SHANLEY Patricia; PIERCE, Alan; LAIRD, Sarah; GUILLEN, Abraham. (editores). **Tapping the Green Market: Certification and Management of Non-Timber Forest Products**. London: Earthscan, 2002: p. 93-109.
78. BRASIL. **RDC Nº 26 de 13 de maio de 2014**. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Brasília: Diário Oficial União 14 maio de 2014, 2014.
79. BRASIL. **Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira**. Brasília: Anvisa, 2016. Disponível em [Memento Fitoterapico.pdf](#) — Português (Brasil) (www.gov.br). Acesso em 22 mar 2021.

Outros materiais consultados

CRUZ, G. L. **Dicionário das Plantas Úteis do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1982.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTARANI, Massimo; tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira. **História da Alimentação**. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 1998.

LORENZI, Harri; Matos, Francisco José de Abreu. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. São Paulo, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2016.

LORENZI, Harri; BACHER, Luis Benedito; TORRES, Mário Antonio Virmond. **Árvores e Arvoretas Exóticas no Brasil, vol. 2**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2018.

MATOS, Francisco José de Abreu. **Farmácias vivas**. Fortaleza, Ce: UFC Edições, 1994.

ORTIZ, Elisabeth Lambert. **The Encyclopedia of Herbs: spices & flavourings**. London: A Dorling Kindersley Book, 1992.

SAAD, Gláucia de Azevedo. (et al). **Fitoterapia Contemporânea: tradição e ciência na prática clínica**. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2009.

SOARES, Carlos Alves. **Remédios Naturais: guia para uso de plantas, chás e frutas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

STOBART, Tom; tradução de Carolina Alfaro e Áurea Akemi Arata. **Ervas, Temperos e Condimentos de A a Z**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 2009.

VON HERTWIG, Igor Francisco. **Plantas Aromáticas e Medicinais: plantio, colheita, secagem, comercialização**. São Paulo, SP: Ícone, 1991.

Créditos

Este jogo foi elaborado dentro do projeto **Educação Popular: Semeando o cuidado e fortalecendo o direito à saúde**, desenvolvido pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. O projeto inclui também o curso Educação Popular e Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde, orientado pelo livro didático disponível no link: www.epsjv.fiocruz.br/publicacao/livro/educacao-popular-e-plantas-medicinais-na-atencao-basica-a-saude

Coordenação de design e desenvolvimento

Cynthia Macedo Dias

Design e desenvolvimento do jogo e manual

Camila Furlanetti Borges; Cynthia Macedo Dias; Daiana Crús Chagas; Grasielle Nespoli; João Vinícius dos Santos Dias; Simone Ribeiro.

Colaboradores

(consultoria em plantas medicinais)

Andrea Márcia de Oliveira Gomes; Leila Mattos; Maria Behrens; Paulo Henrique de Oliveira Leda.

Identidade visual, design gráfico e ilustração

Andreza Farias

Diagramação do Manual

Cynthia Dias

Agradecimentos

Aos organizadores e participantes da Oficina do Playtest e das Ligatinas (Liga Brasileira de Mulheres Tabuleiristas), aos pesquisadores do grupo Jogos e Saúde (Fiocruz), aos componentes do grupo Ludus Magisterium e às Agentes Comunitárias de Saúde participantes dos testes, pelas valiosas observações e contribuições. A João Léste pela parceria e valiosas contribuições no desenvolvimento deste Manual.

Coordenação projeto “Educação Popular: Semeando o cuidado e fortalecendo o direito à saúde”

Grasielle Nespoli e Camila Furlanetti Borges

Contato

semeando.epsjv@fiocruz.br

Outras informações e downloads

www.epsjv.fiocruz.br/Semeandoocuidado

EPSJV/Fiocruz

2021



Semeando o Cuidado



Distribuição gratuita.
Venda proibida.

